

Atuação do professor de Educação Física escolar com crianças que apresentam Transtorno do Espectro Autista

The role of a school Physical Education teacher with children who have Autism Spectrum Disorder

El papel del profesor de Educación Física escolar con niños que tienen Trastorno del Espectro Autista

Recebido: 20/11/2024 | Revisado: 24/11/2024 | Aceitado: 25/11/2024 | Publicado: 28/11/2024

Dariane Lima Barbosa

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-7595-6054>
Centro Universitário do Norte, Brasil
E-mail: darianelima76@gmail.com

Shirlen Soares De Lima

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-0939-6536>
Centro Universitário do Norte, Brasil
E-mail: shilensoares.lima@gmail.com

Joaquim Albuquerque Viana

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4124-6272>
Centro Universitário do Norte, Brasil
E-mail: joaquimaviana@gmail.com

Alessandra Bárbara César de Freitas Boaventura

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-0413-7947>
Centro Universitário do Norte, Brasil
E-mail: 03120007@prof.uninorte.com.br

Maria Regiane Ferreira da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-3221-4999>
Centro Universitário do Norte, Brasil
E-mail: mregianne.ferreira@gmail.com

Estela Aita Monego

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-7115-7085>
Centro Universitário do Norte, Brasil
E-mail: estelaamonego@gmail.com

Resumo

O transtorno do espectro autista (TEA) é uma condição de desenvolvimento que se caracteriza por dificuldades nas interações sociais e na comunicação, comportamentos repetitivos e estereotipados, além de um repertório restrito de interesses e atividades. Este trabalho teve como objetivo analisar a produção científica nacional sobre as intervenções realizadas por Profissionais de Educação Física escolar com crianças apresentadas com TEA, destacando as abordagens mais frequentes e os resultados ocorridos. Foi realizada uma revisão abrangente de artigos publicados no intervalo de 2018 até 2022, utilizando as bases de dados Google Scholar, BVS e SciELO. Ao todo, foram identificados 39 estudos, dos quais 09 atenderam aos critérios de inclusão e foram analisados. Esses estudos incluíram diferentes estratégias de intervenção, incluindo jogos e brincadeiras, atividades aquáticas, práticas rítmicas, exercícios com trampolins e equoterapia. Os resultados sugerem que as atividades físicas podem oferecer benefícios benéficos para o desenvolvimento de crianças com TEA, promovendo avanços na comunicação, redução de comportamentos antissociais, estereotipados e agressivos, além de melhorias no progresso motora e nas capacidades cognitivas e emocionais. Apesar dos efeitos promissórios apontados, a literatura nacional ainda carece de quantidade e qualidade metodológica suficiente para fornecer subsídios sólidos na tomada de decisão sobre o papel do professor de educação escolar em intervenções multiprofissionais externas para crianças com TEA.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Professores; Educação Física; Desempenho Escolar; Ensino.

Abstract

Autism spectrum disorder (ASD) is a developmental condition characterized by difficulties in social interactions and communication, repetitive and stereotyped behaviors, and a restricted repertoire of interests and activities. This work aimed to analyze the national scientific production on interventions carried out by school Physical Education Professionals with children with ASD, highlighting the most frequent approaches and the results that occurred. A comprehensive review of articles published between 2018 and 2022 was carried out. Data bases used were Google Scholar, VHL and SciELO databases. In total, 39 studies were identified, of which 9 met the inclusion criteria and

were analyzed. These studies included different intervention strategies, including games and games, aquatic activities, rhythmic practices, trampoline exercises, and hippotherapy. The results suggest that physical activities can offer beneficial benefits for the development of children with ASD, promoting advances in communication, reducing antisocial, stereotypical, and aggressive behaviors, as well as improvements in motor progress and cognitive and emotional capabilities. Despite the promising effects mentioned, the national literature still lacks sufficient quantity and methodological quality to provide a solid support for decision-making on the role of the school education teacher in external multidisciplinary interventions for children with ASD.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; Professors; Physical Education; Educational Achievements; Teaching.

Resumen

El trastorno del espectro autista (TEA) es una condición del desarrollo caracterizada por dificultades en las interacciones sociales y la comunicación, conductas repetitivas y estereotipadas y un repertorio restringido de intereses y actividades. Este trabajo tuvo como objetivo analizar la producción científica nacional sobre las intervenciones realizadas por Profesionales de Educación Física escolar con niños con TEA, destacando los abordajes más frecuentes y los resultados ocurridos. Se realizó una revisión integral de artículos publicados entre 2018 y 2022, utilizando las bases de datos Google Scholar, BVS y SciELO. En total se identificaron 39 estudios, de los cuales 9 cumplieron los criterios de inclusión y fueron analizados. Estos estudios incluyeron diferentes estrategias de intervención, entre ellas juegos y juegos, actividades acuáticas, prácticas rítmicas, ejercicios de trampolín e hipoterapia. Los resultados sugieren que las actividades físicas pueden ofrecer beneficios beneficiosos para el desarrollo de los niños con TEA, promoviendo avances en la comunicación, reduciendo conductas antisociales, estereotipadas y agresivas, así como mejoras en el progreso motor y las capacidades cognitivas y emocionales. A pesar de los efectos prometedores mencionados, la literatura nacional aún carece de cantidad y calidad metodológica suficiente para brindar un soporte sólido para la toma de decisiones sobre el papel del docente de educación escolar en intervenciones multidisciplinarias externas para niños con TEA.

Palabras clave: Trouble du Spectre Autistique; Profesor; Entrenamiento Físico; Rendimiento Escolar; Enseñanza.

1. Introdução

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é classificado como um transtorno do neurodesenvolvimento, definido por comprometimentos em duas áreas principais: déficits na comunicação e interação social, além de padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses ou atividades. Com as atualizações trazidas pela quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), todas as categorias descritas anteriormente para o autismo, incluindo transtorno autista, síndrome de Asperger, transtorno desintegrativo da infância e transtorno global do desenvolvimento sem outra concepção, foram consolidadas em um único diagnóstico (American Psychiatric Association, 2014). O DSM-V destaca aspectos específicos do TEA, como dificuldades na interação social e na comunicação, além de hipersensibilidade ou hiposensibilidade a estímulos externos e preferências restritas por atividades. Importante ressaltar que nem todos os indivíduos com TEA apresentam déficits na linguagem oral, não sendo está uma característica universal (D'Antino, Brunoni, Schwartzman, 2015).

Indivíduos com TEA podem demonstrar interesses intensamente focados em tópicos específicos, aprofundando-se neles e colecionando objetos ou itens relacionados, como histórias em quadrinhos, personagens, animais ou pedras preciosas. Além disso, é comum que apresentem um apego exagerado a rotinas e dificuldades significativas frente a qualquer alteração (D'Antino, Brunoni, Schwartzman, 2015).

De acordo com dados do Center for Disease Control and Prevention (CDC), há atualmente uma prevalência de um caso de TEA para cada 36 indivíduos nos Estados Unidos (CDC, 2022). No Brasil, entretanto, a ausência de dados epidemiológicos específicos leva à utilização dessas estimativas internacionais como parâmetro.

Até 2012, o TEA não era reconhecido como uma deficiência, sendo enquadrado exclusivamente como um transtorno psíquico. Por conta disso, as pessoas expostas com TEA não tinham pleno acesso à legislação e aos serviços especializados na rede pública de saúde, precisando comprovar a presença de comorbidades de natureza mental, visual, auditiva ou física para garantir direitos (Oliveira et al., 2017). Com a inclusão do TEA no escopo das deficiências, foi possível garantir uma série de

direitos, como o acesso à saúde pública por meio de normativas específicas, incluindo as Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Brasil, 2014) e a Linha de Cuidado para a Atenção às Pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo e suas Famílias na Rede de Atenção Psicossocial do SUS (Brasil, 2015). Além disso, essa mudança ajudou avanços em direitos sociais e educacionais (Oliveira et al., 2017).

A educação física desempenha um papel fundamental na Educação Infantil, pois é através do brincar que a criança explora seu corpo, interage com outras crianças e desenvolve habilidades motoras e cognitivas. Professores reconhecem que a educação física proporciona vantagens significativas no desenvolvimento infantil, promovendo bem-estar físico, psicológico e social, melhorando a aprendizagem, incentivando a prática esportiva, reduzindo riscos de doenças e desenvolvendo a coordenação motora e o raciocínio lógico (Gallahue, Ozmun, 2005).

O trabalho multiprofissional na área da saúde tem mostrado resultados positivos no desenvolvimento de habilidades relacionadas à linguagem, autonomia, adaptação sensorial, aprendizado cognitivo e comportamental, reabilitação motora e melhoria na interação social e comunicacional de indivíduos com TEA, quando associado a participação dessas crianças nas aulas de Educação Física Escolar (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2019). Nesse contexto, a Resolução nº 218 do Conselho Nacional da Saúde, de março de 1997, destaca a relevância do trabalho interdisciplinar e multiprofissional no setor de saúde, além de reconhecer o Professor de Educação Física como membro dessa equipe (Brasil, 1997; Pereira & Freitas, 2021). O Professor de Educação Física escolar, ao atuar juntamente com equipes multiprofissionais, pode desempenhar um papel relevante no desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas e motoras de crianças com TEA, tanto no ambiente escolar quanto nos serviços públicos de saúde.

Nesse contexto o presente estudo teve como objetivo analisar a produção científica nacional sobre as intervenções realizadas por Profissionais de Educação Física escolar com crianças apresentadas com TEA, destacando as abordagens mais frequentes e os resultados ocorridos.

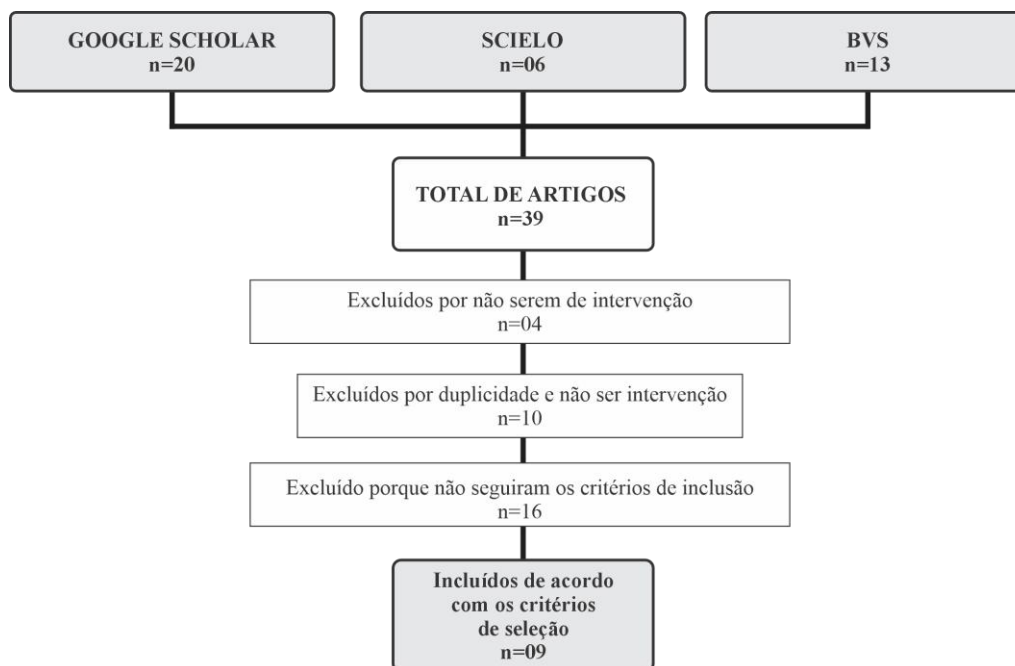
2. Metodologia

O presente estudo é uma revisão narrativa, que é fornecida por uma seleção ampla de estudos da literatura, sem critérios rigorosos para a metodologia e sem respostas quantitativas. No entanto, tem por finalidade a aquisição e a atualização sobre uma temática específica, no qual contribui para novas ideias, métodos e subtemas de maior ou menor ênfase na literatura selecionada (Vosgerau et al., 2014).

Para a construção do trabalho foi realizada uma busca nas bases de dados do Google Scholar, Scientific Electronic Library Online (SciELO) e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando os seguintes descritores DESC/MESH: Transtorno do Espectro Autista, Professores, Educação Física, Desempenho Escolar, Ensino.

Para compor a amostra, foram utilizados os critérios de inclusão: trabalhos publicados no intervalo de 2018 até 2022, trabalhos publicados em língua portuguesa, estudos de intervenção contendo como abordagens exercícios físicos em crianças com TEA direcionados por Professores de Educação Física escolar. Os critérios de exclusão foram aplicados para identificar e agrupar os artigos que não atendiam aos critérios de inclusão mencionados anteriormente, ou seja, os artigos que passaram a ser excluídos foram os duplicados e os de revisão da literatura. A seleção dos artigos seguiu rigorosamente os critérios de inclusão e exclusão estabelecidos, avaliados títulos e resumos identificados na pesquisa inicial. Quando o título ou resumo não correspondeu levou em consideração a questão norteadora da revisão para selecionar ou não o periódico. Segue abaixo o fluxograma organizacional do desenho da pesquisa (Figura 1).

Figura 1 - Fluxograma organizacional do desenho da pesquisa.



Fonte: Autores.

3. Resultados e Discussão

O Quadro 1 apresenta uma descrição dos métodos, estratégias e resultados identificados nos artigos que atenderam aos critérios de inclusão estabelecidos. Após a análise das evidências disponíveis, os dados foram organizados considerando as intervenções realizadas pelo Professor de Educação Física escolar, os objetivos propostos e os principais resultados apresentados em crianças apresentadas com TEA.

Quadro 1 - Caracterização dos estudos selecionados.

Autor	Objetivo	Amostra	Atividade de Intervenção	Conclusão
Chicon et al., (2018)	Compreender e analisar a ação mediadora do professor no desenvolvimento de atividades lúdicas no meio aquático e a interação de uma criança autista com os colegas não deficientes nas aulas.	Estudo de caso de 1 criança do sexo masculino com TEA de 3 anos idade.	Atividades Aquáticas	As atividades lúdicas no meio aquático foram benéficas, tanto na ampliação de seus movimentos e vivências de brincar, como também em suas relações com os professores e colegas.
Oliveira et al. (2018)	Analisar estratégias de intervenção pedagógica para enriquecer a relação entre a criança com TEA e o brinquedo.	Estudo de caso de 1 criança do sexo masculino com TEA de 3 anos idade.	Jogos e brincadeiras	Colabora na criação de condições propícias ao desenvolvimento de funções psíquicas.
Lourenço et al. (2018)	Avaliar o efeito de um programa de treinos de trampolins na habilidade motora e no índice de massa corporal de crianças com TEA.	17 crianças de 4 a 10 anos de idade com TEA (12 meninos e 5 meninas). Foram divididos em grupo experimental (n=6) e grupo controle (n=11).	Trampolim	Contribuiu para uma melhora da proficiência motora de crianças com TEA.

Pereira et al. (2019)	Analisar o desempenho motor esportivo de crianças e adolescentes com TEA.	Seis crianças e adolescentes com TEA do sexo masculino, com idades entre 8 e 13 anos.	Treinos desportivos	Concluiu-se que a atividade física é um importante mecanismo de desenvolvimento motor, cognitivo e social. E a presença do profissional de educação física é fundamental na vida dessas pessoas.
Kruger et al. (2019)	Verificar o efeito de um programa de atividades rítmicas na interação social e coordenação motora de crianças com TEA.	Nove crianças com TEA, de ambos os sexos, entre 5 e 10 anos de idade. Foram divididos grupo intervenção (n=5) grupo controlo (n=4).	Dança	Atividade rítmica é uma ferramenta eficaz para desenvolver as habilidades motoras.
Pereira et al. (2019)	Avaliar se há melhora das variáveis comportamentais e habilidades aquáticas de um programa de natação ao longo de dez semanas.	Três crianças do sexo masculino com idades de 8 a 16 anos com TEA.	Atividades aquáticas	A prática da natação estimula o ensino das técnicas, bem como contribui na melhoria dos aspectos comportamentais, psíquicos e sociais.
Chicon et al. (2020)	Compreender aspectos do desenvolvimento do jogo de papéis em crianças com autismo, tendo por eixo principal o movimento.	Três crianças do sexo masculino com autismo de três a cinco anos de idade.	Jogos e brincadeiras	Contribuiu para desenvolvimento da imaginação e das contribuições da brincadeira para o autodomínio.
Fontes et al. (2020)	Verificar os efeitos de um programa de jiu-jitsu na coordenação motora de crianças com TEA.	Seis crianças do sexo masculino com TEA de 6 a 12 anos de idade. Foram divididos em grupo intervenção (n=3) e grupo controlo (n=3).	Lutas	Conclui-se que o jiu-jitsu possibilitou melhoras na coordenação motora de crianças com TEA.
Oliveira Silva et al. (2022)	Avaliar a intervenção na Equoterapia, a partir da perspectiva da Educação Física.	Estudo de caso crianças do sexo masculino de 6 anos de idade com TEA	Equoterapia	Houve melhoras em aspectos do comportamento, ansiedade, força, medo, interação com animais, movimentos estereotipados e independência.

Fonte: Autores.

Os achados sintetizados apontam para duas dimensões analíticas fundamentais obtidas através da prática de esportes, atividades aquáticas, jogos e brincadeiras, bem como movimentos rítmicos, como a dança. A primeira dimensão está associada ao aprimoramento das capacidades físicas e habilidades motoras, enquanto a segunda se relaciona a aspectos comportamentais, como socialização, interação interpessoal, e características psíquicas.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) caracteriza-se por comprometimentos nas interações sociais, comunicação e atraso no desenvolvimento motor. Portanto, estratégias de cuidado devem incluir intervenções multidisciplinares, objetivando maior autonomia. A literatura científica aponta que exercícios físicos promovem benefícios significativos para essa população, incluindo a redução de comportamentos estereotipados, melhora na coordenação motora e orientação espaço-temporal, aumento da atenção e das interações sociais, bem como redução de sintomas de ansiedade, nervosismo e inquietação (Maranhão et al., 2019; Romeu & Rossit, 2022).

Os estudos analisados destacam efeitos positivos das atividades aquáticas tanto no desenvolvimento motor quanto na inclusão social de crianças com TEA. Por exemplo, Pan (2021) demonstrou que um programa de natação com duração de 10 semanas promoveu melhorias nas habilidades aquáticas e diminuição de comportamentos antissociais em crianças com TEA leve ou síndrome de Asperger, com idades entre 6 e 9 anos. Este estudo atribuiu os resultados às instruções individualizadas e ao "feedback" positivo proporcionado pelos instrutores. De forma complementar, Chicon et al. (2020) evidenciaram que o uso de elementos lúdicos no ensino da natação contribuiu para o aprendizado e desenvolvimento motor em crianças inclusas.

Resultados semelhantes foram observados por Pereira et al. (2019), cujo estudo com três crianças atendidas por um programa de natação da APAE identificou avanços na interação social, motivação, concentração e diminuição de hiperatividade e comportamentos repetitivos.

Além das atividades aquáticas, práticas envolvendo movimentos rítmicos e jogos também mostraram impactos benéficos. Kruger et al. (2019) relataram melhorias em coordenação motora, ritmo, equilíbrio e interação social após um programa de 14 semanas com atividades rítmicas em crianç as de 5 a 10 anos. Esse tipo de intervenção demonstrou avanços na comunicação, socialização e na redução de comportamentos repetitivos. Carvalho et al. (2020) corroboram esses resultados ao descrever os efeitos do hip hop na promoção da criatividade e na ampliação de formas de comunicação corporal e musical em jovens e adultos com TEA.

O ato de brincar, essencial para o desenvolvimento infantil, também foi destacado como um vetor importante para a melhoria dos aspectos motores e comportamentais de crianç as com TEA. Estudos como os de Oliveira et al. (2018) e Chicon et al. (2020) indicam que a ludicidade promove a redução de comportamentos agressivos e estereotipados, além de favorecer a socialização ao tornar o ambiente mais acolhedor.

A avaliação do desenvolvimento motor revelou-se crucial, especialmente devido aos atrasos identificados precocemente em indivíduos com TEA (Cipriano & De Almeida, 2021). Nesse sentido, Pereira e Freitas (2019) verificaram, após 10 meses de intervenção, melhorias significativas em capacidades motoras, cognitivas e afetivas em crianç as e adolescentes com TEA. Embora o treinamento de jiu-jitsu estudado por Fontes et al. (2020) tenha demonstrado resultados insuficientes em comparação a crianç as neurotípicas, observou-se progresso em interação social, comportamento e disciplina.

Por fim, abordagens terapêuticas interdisciplinares, como a equoterapia, também têm mostrado grande potencial. Oliveira Silva et al. (2022) relataram, após quatro semanas de intervenção, melhorias no comportamento, ansiedade, forç a, interação com animais e redução de movimentos estereotipados em uma crianç a com TEA. Esse estudo destacou ainda a importância da inserção de práticas lúdicas no contexto terapêutico, reforç ando a equoterapia como ferramenta relevante para o desenvolvimento motor, cognitivo e social.

Dessa forma, a prática de atividades físicas em suas múltiplas formas configura-se como um recurso eficaz na promoção de habilidades motoras, cognitivas e sociais em crianç as com TEA, ressaltando a necessidade de maior inclusão e ampliação de tais abordagens no contexto educacional e terapêutico (Oliveira & Strohschoen, 2019).

4. Considera es Finais

Com base nos achados dos estudos analisados, conclui-se que a prática de atividades físicas e exercícios apresenta um potencial significativo para contribuir no desenvolvimento global de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) durante a infância e adolescência. Os resultados indicam melhorias expressivas na capacidade comunicativa, com redução de comportamentos antissociais, estereotipados e agressivos. Além disso, houve avanços na coordenação motora, no desenvolvimento cognitivo-emocional, na consciência corporal e na orientação espaç o-temporal. No entanto, no que concerne às abordagens, verificou-se que são diversificadas e, até o momento, inexistem evidências robustas que demonstrem a superioridade de uma modalidade sobre outra na promoção do desenvolvimento integral de crianç as com TEA.

Em relação à qualidade metodológica dos estudos, observa-se limitações significativas. Dos nove trabalhos selecionados, três são estudos de caso, enquanto cinco envolveram um número reduzido de participantes, totalizando apenas 27 indivíduos. Um dos estudos, apesar de ser redigido em língua portuguesa, foi realizado fora do Brasil. Esse panorama evidencia a fragilidade da literatura atual, que ainda carece de fundamentação sólida para respaldar decisões acerca do papel do Profissional de Educação Física (PEF) nas abordagens multiprofissionais para indivíduos com TEA.

No contexto da saúde pública, a atuação do PEF tem sido ampliada, sobretudo através de programas de intervenção em serviços como os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), Unidades Básicas de Saúde (UBS) e como parte de equipes multidisciplinares. Entretanto, no caso de indivíduos com TEA, prevalece uma vinculação das intervenções a projetos de associações filantrópicas e instituições de ensino superior, geralmente condicionadas à publicação de resultados científicos ou à execução de projetos de extensão.

Durante a análise dos estudos, ficou evidente a predominância de trabalhos no âmbito escolar, contrastando com a escassez de literatura sobre intervenções no contexto da saúde pública e da atuação integrada em equipes multidisciplinares. Portanto, identifica-se uma lacuna significativa no corpo de conhecimento científico sobre a efetividade da participação do PEF nas abordagens multiprofissionais voltadas a crianças com TEA, ressaltando a necessidade de pesquisas mais robustas e abrangentes para fortalecer essa área de estudo.

Referências

- American Psychiatric Association. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. <https://www.institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf>.
- Brasil. (1997). Resolução CNS nº 218, de 6 de março de 1997: *Reconhece as categorias profissionais consideradas como profissionais de saúde de nível superior*. Conselho Nacional de Saúde.
- Brasil. (2014). *Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com transtornos do espectro do autismo (TEA)* (p. 86, il.). Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas.
- Brasil. (2015). *Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde* (p. 156, il.). Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada e Temática.
- Carvalho, I. R., Klein, J., Pessoa, D. M., Chicon, J. F., & Silva de Sá, M. G. (2020). Linguagem como instrumento de inclusão social: Uma experiência de ensino do hip hop para jovens e adultos com deficiência intelectual e autismo. *Movimento*, 26 (e26033), 1–13. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.91403>
- Centers for Disease Control and Prevention. (2022). *Dados e estatísticas sobre transtorno do espectro autista (TEA)*. Disponível em <https://www.cdc.gov/ncbddd/autism/data.html>
- Chicon, J. F., Silva de Sá, M. G. C. & Fontes, A. S. (2020). Atividades lúdicas no meio aquático: Possibilidades de inclusão. *Movimento*, 19 (2), 103. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.29595>
- Cipriano, M. S., & De Almeida, M. T. P. (2021). O brincar como intervenção no transtorno do espectro do autismo. *Extensão em Ação*, 2 (11), 78–91.
- Crossetti, M. G. M. (2012). Revisión integradora de la investigación en enfermería el rigor científico que se le exige. *Rev. Gaúcha Enferm.*33 (2):8-9.
- D'Antino, M. E. F. Brunoni, D., & Schwartzman, J. S. (2015). *Contribuições para a inclusão escolar de alunos com necessidades especiais: Estudos interdisciplinares em educação e saúde em alunos com Transtorno do Espectro do Autismo no município de Barueri, SP*. Memnon Edições Científicas.
- Fontes, V. A. M., Lima, L. S., Almohalha, L., Couto, C. R. & Santos, S. P. (2020). Coordenação motora de crianças com transtorno do espectro autista: Efeitos de um programa de jiu-jitsu. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 29 (1), 1–16. <https://doi.org/10.31501/rbcm.v29i1.12522>
- Gallahue, D. L. & Ozmun, J. C. (2005). *Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes, adultos* (6ª ed.). McGraw-Hill.
- Krüger, G. R., Garcias, L. M., Hax, G. P. & Marques, A. C. (2019). Atividades rítmicas e interação social em crianças com autismo: Efeitos de uma intervenção. *Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*, 23, 1–5. <https://doi.org/10.12820/Rbafs.23e0046>
- Lourenço, C. C. V., Esteves, M. D. L., Corredeira, R. M. N. & Teixeira e Seabra, A. F. (2018). A eficácia de um programa de treino de trampolins na proficiência motora de crianças com transtorno do espectro do autismo. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 22 (1), 39–48. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382216000100004>
- Maranhão, S., Lisboa, L., Reis, C., & Júnior, R. F. (2019). Educação e trabalho interprofissional na atenção ao transtorno do espectro do autismo: Uma necessidade para a integralidade do cuidado no SUS. *Revista Contexto & Saúde*, 19 (37), 59. <https://doi.org/10.21527/2176-7114.2019.37.59-68>
- Oliveira, A. M. & Strohschoen, A. A. G. (2019). A importância da ludicidade para inclusão do aluno com transtorno do espectro autista (TEA). *Revista Eletrônica Pesquisaduca*, 11 (23), 127
- Oliveira, B. D. C., Feldman, C., Couto, M. C. V. & Lima, R. C. (2017). Políticas para o autismo no Brasil: Entre a atenção psicossocial e a reabilitação. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 27(3), 707–726. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312017000300017>
- Oliveira, I. M., Victor, S. L. & Chicon, J. F. (2018). Montando um quebra-cabeça: A criança com autismo, o brinquedo e o outro. *Revista Cocar*, 10 (20), 73–96.

Oliveira Silva, L., Rezende de Souza Monteiro, J., & Leite, S.T. (2022). Equoterapia e educação física: Estudo de caso com praticante autista. *Itinerarius Reflectionis*, 16 (3), 1–24. <https://doi.org/10.5216/rir.v16i3.63017>

Pan, C. (2021). Efeitos do programa de natação aquática sobre habilidades aquáticas e comportamentos sociais em crianças com transtornos do espectro autista. *Autismo*, 14 (1), 9–28. <https://doi.org/10.1177/1362361309339496>

Pereira, F. S. & Freitas, J. F. F. (2019). Análise do desempenho motor esportivo de crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista. *Horizontes - Revista de Educação*, 5 (9), 100–112. <https://doi.org/10.30612/hre.v5i9.7644>

Pereira, S. P. & Freitas, J. F. F. (2021). Atividade física e transtorno do espectro autista: Uma revisão de periódicos brasileiros. *Cenas Educacionais*, 4 (e11933), 1–14.

Pereira, T. L. P., Antonelli, P. E., de Oliveira, E. C. & Ferreira, R. M (2019). Avaliação das variáveis comportamentais e habilidades aquáticas de autistas participantes de um programa de natação. *Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde*, 17 (e019037), 1–15. <https://doi.org/10.20396/conex.v17i0.8652396>

Pereira A. S. et al. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [free e-book]. Santa Maria/RS. Ed. UAB/NTE/UFSM.

Romeu, C. A. & Rossit, R. A. S. (2022). Trabalho em equipe interprofissional no atendimento à criança com transtorno do espectro do autismo. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 28 (6). <https://doi.org/10.1590/1980-54702022v28e0114>

Sociedade Brasileira de Pediatria. (2019). *Manual de orientação: Transtorno do espectro do autismo*. Sociedade Brasileira de Pediatria. Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento.

Vosgerau, D. S. A. R. & Romanowski, J. P. (2014). Estudos de revisão: Implicações conceituais e metodológicas. *Revista Diálogo Educacional*, 14 (41), 165–189. <https://doi.org/10.7213/dialogo.educ.14.041.DS08>